

CONTRA O DESPERDÍCIO

I

O desperdício indica falta de eficiência

ANNIBAL BOMFIM

Uma das maiores preocupações do Estado Novo é aumentar a *eficiência* do serviço nas repartições públicas. Foi principalmente com êsse fito que se creou o Departamento Administrativo do Serviço Público e o seu alvo mais importante é a *eficiência*.

Os funcionários públicos o sabem e quasi todos desejam cooperar com o Govêrno nesse sentido (principalmente porque sabem que assim terão maiores probabilidades de promoções rápidas) — mas muitos não sabem claramente o que devem fazer para se tornarem mais *eficientes*.

Essa ignorância provém do fato de que o termo *eficiência*, recentemente vulgarizado na nossa linguagem e interpretado como definindo qualquer coisa quasi miraculosa, toma para a consciência dos leigos um valor exagerado, quasi transcendente — uma espécie de "ideal" inatingível...

O modesto funcionário acaba dizendo com os seus botões: "Essa tal *eficiência* é complicada demais para mim; nem vale a pena eu tentar atingi-la".

Vamos "trocar em miudos" o termo, e todos verão como lhes é facil cooperar com o Govêrno e trabalhar com mais *eficiência*.

"Eficiência é uma diminuição do desperdício no trabalho".

Viram como o problema se tornou mais facil de resolver?

O termo *desperdício* é velho conhecido de todos nós, e muito mais facil nos é agora compreender o que o Govêrno quer.

Precisamos, porém, interpretar o termo na sua significação mais geral, e não somente o encarar pelo prisma comumente usado, referente ao seu aspecto material.

Gastar uma folha de papel "formato officio" para escrever um pequeno memorandum de duas linhas, é um *desperdício* aos olhos de todos; poucos, porém, meditam sôbre o *desperdício* que representa uma pequena palestra sôbre o "foot-ball" — quando essa palestra é feita durante as horas do expediente...

A *eficiência* almejada pelo Govêrno é, simplesmente, a eliminação ou, pelo menos, a diminuição do *desperdício*, em todas as suas formas.

Na série de artigos que vamos publicar, mostraremos justamente as formas insidiosas, muitas vezes, que toma o *desperdício*, nas diversas modalidades de trabalho; e daremos indicações e conselhos práticos para combatermos êsse mal, alcançando assim a *eficiência* desejada.

Dissemos que o *desperdício* toma formas insidiosas porque, muitas vezes, aos olhos dos que o praticam, êle se apresenta como um meio de facilitar o trabalho.

Principalmente nos serviços burocráticos, o *desperdício* é um verdadeiro parasita, sustentado pela rotina e alimentado pela preguiça mental dos que o cultivam.

Examinemos um pequeno exemplo elucidativo.

Para se fazer um serviço de estatística, antigamente, os lançamentos eram feitos em volumosos livros manuscritos. Sua confecção era lenta

e penosa e a pesquisa dos dados neles contidos exigia, além de tempo prolongado, um notável esforço muscular.

A descoberta da classificação em fichas soltas, guardadas em arquivos de gaveta, veio simplificar e aperfeiçoar consideravelmente o serviço de estatísticas, permitindo não somente fazer as inscrições dactilograficamente como também variar e modificar a arrumação das fichas, conforme as necessidades das pesquisas desejadas. No seu manêjo, o esforço muscular foi consideravelmente reduzido, uma vez que se pode retirar as fichas uma por uma, em vez de manusear obrigatoriamente uns enormes livros.

Lembrem-se agora os leitores que presenciaram a substituição do sistema de livros pelo de fichas, em alguma repartição, e se recordarão certamente da oposição tenaz que essa inovação encontrou, por parte dos funcionários antigamente encarregados do serviço...

Eram a rotina e a preguiça de se adaptarem a um novo sistema de trabalho que os levavam a tomar tal atitude. Eles eram sinceros na sua convicção de que poderiam fazer mais facilmente o serviço pelo sistema antigo mas, certamente, acabaram se convencendo das vantagens de um trabalho feito com *menos desperdício* de energia, isto é, com mais *eficiência*...

E em todas as formas de trabalho é sempre possível achar meios para diminuir o *desperdício* de forças.

Ha, no mundo civilizado, milhares de pesquisadores continuamente estudando todas as formas de trabalho e descobrindo processos para as tornar mais *eficientes*.

Um dos precursores desses estudos foi o engenheiro americano Frederic Winslow Taylor, morto em 1915, de cujos estudos resultou um sistema: a racionalização do trabalho até hoje conhecido como *taylorismo*. Sua preocupação era evitar o *desperdício* de energia muscular, no trabalho dos operários, e o resultado do seu sistema foi que os operários a êle submetidos conseguiram produzir mais serviço ficando menos cansados. Alguns detalhes desse sistema parecem pueris, mas os resultados provaram a sua importante utilidade. Tomemos, por exemplo, o *taylorismo*

aplicado ao trabalho dos pedreiros, ao construir um muro de tijolos.

Antigamente os tijolos eram sempre depositados no chão, ao lado do pedreiro, mesmo quando o muro já estava à altura de um metro ou mais.

Taylor observou que, para colocar cada tijolo, o operário era obrigado a se curvar completamente, até o chão, e a fazer um esforço bastante considerável para, de novo, se pôr de pé. Era muito maior o esforço para abaixar e se levantar do que o necessário para o trabalho de colocar o tijolo e o fixar com a argamassa. Feita esta observação, o engenheiro evitou todo aquele *desperdício* de energia mandando pousar os tijolos sobre pequenas bancadas elevadas, colocadas ao lado dos pedreiros. Daí por diante, os operários não mais precisaram de se curvar para apanhar os tijolos, e conseguiram produzir muito mais, com muito menos esforço...

Em qualquer trabalho fisico é sempre possível descobrir meios de diminuir o esforço muscular — é possível evitar, assim, o *desperdício* de energia...

Mas, não é somente no trabalho mecânico que a energia é *desperdiçada*. No trabalho puramente mental, de leitura, por exemplo, gasta-se uma notável quantidade de energia nervosa, — quando se o faz em um local insuficientemente iluminado ou onde exista um excesso de luz. Os olhos só trabalham sem esforço quando o objeto a ser visto recebe uma quantidade certa de luz; de outra forma, se torna necessário um tal esforço nervoso, que o individuo se sente em pouco tempo incomodado, com os olhos a arder ou com dôr de cabeça. Quem precisa fazer um trabalho que depende de visão, pode evitar muito *desperdício* de energia nervosa procurando colocar-se de maneira a receber a luz do lado esquerdo e de cima, como o indica a boa técnica moderna de iluminação.

Nos artigos seguintes, estudaremos separadamente e em detalhes, as diversas formas de trabalho e indicaremos os meios de, em cada uma delas, evitar o *desperdício* de material, de energia ou de tempo, ajudando assim os nossos leitores a cooperarem com o Govêrno no seu esforço para tornar mais *eficiente* o trabalho dos funcionários públicos.

SEJA BREVE AO TELEFONE: OS TELEFONES ESTÃO
NA SECÇÃO PARA OBJETO DE SERVIÇO